

EDIÇÃO

103

ABRIL 2026

PM SERVICES

MAGAZINE

INSPIRAÇÃO ■ LIDERANÇA ■ IMPACTO

“DA PRISÃO À LIBERDADE:

A jornada de Mônica Kaus

PÁGINAS

11 A 13

LU PIRES: “Queremos chegar a toda a comunidade lusófona” — Summit Estética consolida-se como ponte de oportunidades na Europa



Genebra volta a posicionar-se como um dos principais pontos de encontro para profissionais da estética com a realização da oitava edição do Summit Estética, um evento que tem vindo a afirmar-se como referência no sector a nível europeu. Mais do que um encontro técnico, o Summit destaca-se como uma plataforma estratégica de conexão, formação e crescimento profissional.

À frente do projecto está Lu Pires, gestora do Grupo Summit Estética, que transformou uma necessidade real do mercado numa iniciativa com impacto internacional. A sua visão é clara: criar pontes onde antes existiam barreiras, sobretudo para profissionais de língua portuguesa que procuram espaço, reconhecimento e oportunidades fora dos seus países de origem.

“O primeiro foco do Summit Estética é chegar até à população de língua portuguesa, independentemente da origem.”

A escolha de Genebra reflecte não apenas uma estratégia geográfica, mas também uma ligação pessoal. Num país marcado pela diversidade cultural e pela forte presença de comunidades imigrantes, o evento encontra um ambiente propício para gerar conexões e impulsionar carreiras.

“Vivi a falta de oportuni-

dades, a necessidade de suporte e de conexões para crescer. O Summit nasce exactamente para responder a essas lacunas.”

Com participantes de vários países europeus, o evento reúne profissionais, empresários e formadores num ambiente que combina conhecimento técnico, visão de negócio e networking qualificado. Ao longo dos anos, o Summit Estética evoluiu de um encontro pontual para um verdadeiro ecossistema de desenvolvimento profissional.

“O que começou como uma necessidade tornou-se uma ponte real de crescimento.”

Um dos diferenciais do evento está na forma como promove o networking: de forma natural, acessível e humanizada. Longe de formalismos excessivos, o Summit aposta num ambiente acolhedor que facilita a troca de experi-

ências e a criação de parcerias.

“Criamos um ambiente onde as pessoas se sentem confortáveis para se conectar, partilhar e crescer.”

A seleção dos oradores segue critérios técnicos e estratégicos, garantindo qualidade e aplicabilidade prática. O objectivo é proporcionar não apenas conhecimento, mas também ferramentas concretas para evolução profissional.

“O público pode esperar oportunidades reais desde formação até conexões que geram negócios.”

Realizado no Hotel Royal, uma referência em Genebra, o evento reforça o seu posicionamento no mercado europeu, transmitindo credibilidade e organização. A escolha do espaço reflecte o padrão que o Summit pretende manter e expandir.

“O nosso objectivo é cres-

cer, abrir novas portas e levar o Summit para outras localidades.”

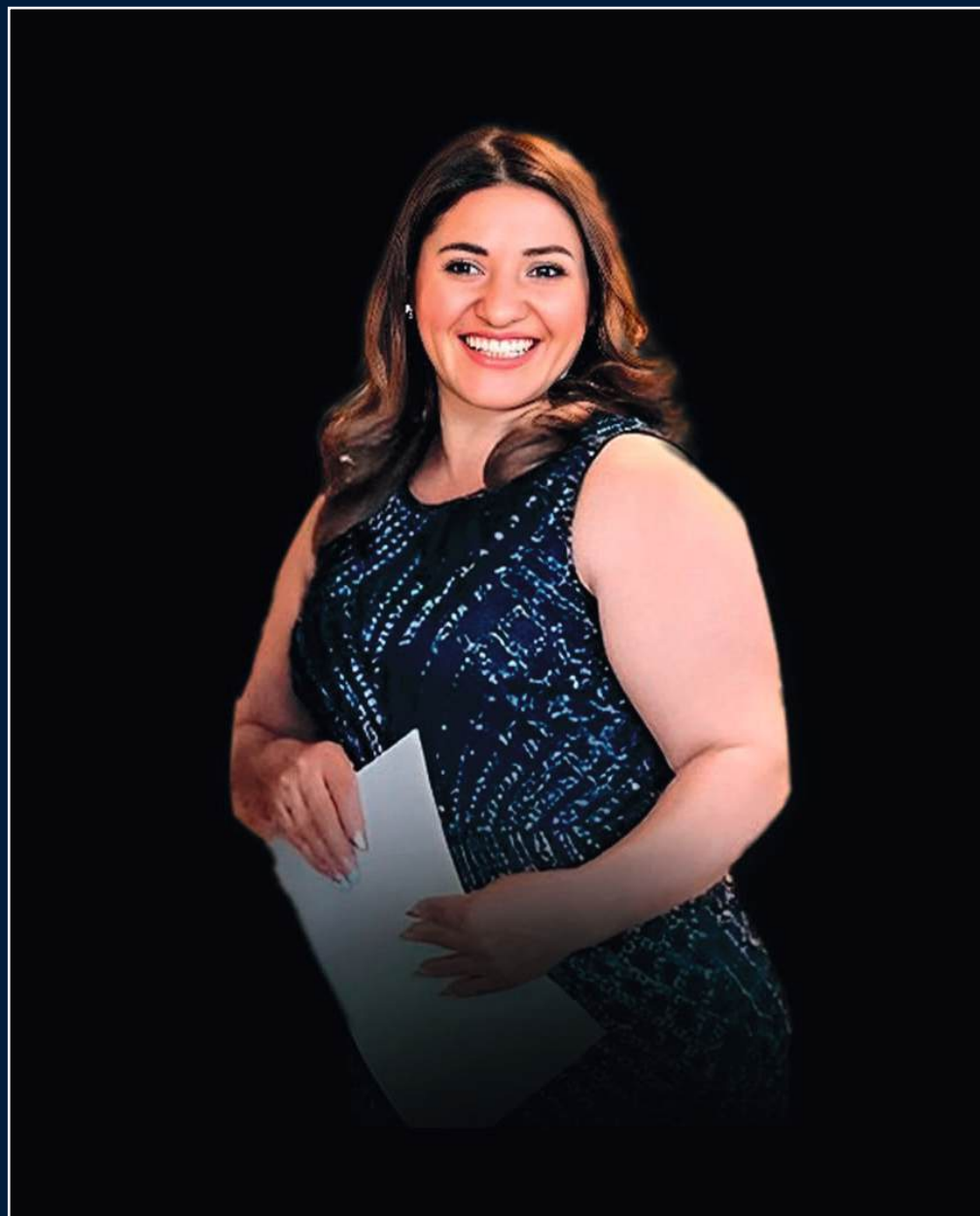
Mais do que um evento anual, o Summit Estética afirma-se como um movimento em expansão, com foco na valorização profissional, integração e crescimento sustentável no sector.

“Queremos ampliar horizontes e apoiar profissionais em toda a comunidade europeia.”

Ao chegar à sua oitava edição, o projecto confirma a sua relevância e consistência, reunindo cada vez mais participantes e fortalecendo a sua presença internacional.

“É um sucesso que se consolida a cada ano.”

Num mercado competitivo e em constante transformação, o Summit Estética posiciona-se como uma plataforma sólida, onde oportunidades deixam de ser uma promessa e passam a ser construídas com estratégia, conexão e visão de futuro.



SHEvolution promove acção na Escola Primária da Catembe e reforça o papel da criatividade no desenvolvimento das crianças

No passado sábado, o movimento SHEvolution realizou uma acção na Escola Primária da Katembe, envolvendo dezenas de crianças numa iniciativa centrada na criatividade, arte e desenvolvimento humano.

A actividade consistiu numa manhã de pintura e várias brincadeiras, onde as crianças foram convidadas a representar, através da arte, a sua visão do meio ambiente. Mais do que uma intervenção estética, o momento foi pensado como um espaço de expressão, aprendizagem e estímulo à imaginação.

A iniciativa partiu da convicção de que a criatividade e a arte são motores fundamentais para o desenvolvimento. Durante a actividade, foram partilhadas reflexões com as crianças sobre a importância de pensar, criar e desenvolver ideias, independentemente da profissão que venham a seguir no futuro. Profissões como advocacia, diplomacia ou medicina exigem não apenas conhecimento téc-



nico, mas também pensamento criativo e capacidade de inovação.

A acção contou com o apoio da Organização Continuadores de Moçambique, representada por Danilo Teixeira, e do artista Sebastião Coana, que orientou o processo criativo junto das crianças.

Para a fundadora do

SHEvolution, Sylla Faruk: "Este tipo de acção não é apenas sobre estar uma manhã com as crianças. É sobre investir nas nossas comunidades. Estes são os futuros líderes e é com pequenas acções que podemos construir um futuro melhor."

O embaixador do movimento, Dr. Dário Camal, reforçou a importância de interagir directamente com as novas gerações: "Conversar com as crianças e ter a oportunidade de impactar as suas vidas é uma das formas mais concretas de contribuir para o futuro. Se queremos mudar uma nação, não começamos nos gabinetes começamos nas crianças. Porque são elas os futuros líderes. E aquilo que fizemos hoje vai definir não só quem serão, mas como irão liderar."

Através desta iniciativa, o SHEvolution reforça o seu posicionamento como uma plataforma que promove não apenas o diálogo sobre liderança, mas também acções concretas com impacto directo na comunidade.



ZILVONE VITAL

VOZES LIVRES: Quando a dor ganha voz e se torna propósito

Há histórias que não podem ser silenciadas. Não porque sejam fáceis de contar, mas porque carregam uma responsabilidade maior do que a própria dor. A trajetória de Zilvone Vital nasce exatamente desse lugar onde o sofrimento deixa de ser apenas pessoal e passa a ter um significado coletivo.

Natural de Paranaíba, no Mato Grosso do Sul, Brasil, Zilvone, hoje com 58 anos, construiu uma jornada marcada por experiências profundas, duras e transformadoras. A sua história não segue o caminho da romantização. Não há atalhos. Há verdade.

E é dessa verdade que nasce o Vozes Livres.

“Há dores que tentam calar. Mas existem histórias que nasceram para ecoar.”

Mais do que um projeto, o Vozes Livres é uma resposta. Uma resposta à violência silenciosa, às feridas que permanecem escondidas e aos ciclos que continuam a repetir-se quando não são interrompidos.

Zilvone não fala a partir da teoria. Fala a partir da vivência.

E é precisamente isso que dá força à sua missão.

“Se reerguer não é sobre parecer forte. É sobre decidir não permanecer quebrada.”

O ponto de viragem não aconteceu num palco, nem num momento de glória. Aconteceu no silêncio. No confronto interno. No instante em que a dor deixou de ser apenas sofrimento e passou a ser direção.

O Vozes Livres nasce com uma proposta clara: não apenas acolher, mas transformar. Não



GRATIDÃO E O QUE POSSO DIZER HOJE E SEMPRE 🙏



**COAUTORIA
ANTOLOGIA VOZES
LIVRES.**

apenas ouvir, mas reconstruir.

Num cenário onde a violência é frequentemente tratada apenas na superfície, o projeto traz uma abordagem mais profunda e, para muitos, desconfortável.

“Se não houver cura, o ciclo continua.”

A afirmação é direta. Sem suavizações.

Zilvone defende que combater a violência exige mais do que denúncia ou punição. Exige restauração. Exige olhar para a raiz.

“Um agressor que não é tratado volta a ferir.”

Essa visão não procura justificar. Procura interromper. Porque, para ela, ignorar essa realidade é permitir que a dor se perpetue de geração em geração.

O Vozes Livres posiciona-se, assim, como um movimento de transformação integral emocional, mental e espiritual. Um espaço onde a cura deixa de ser uma ideia abstrata e passa a ser um processo real.

“A dor que não é resolvida dentro de alguém inevitavelmente se transforma em dor para outra pessoa.”

Ao longo da sua caminha-

da, Zilvone compreendeu algo essencial: o silêncio não protege. Ele aprisiona.

E é por isso que a voz se torna central.

“A voz, quando ativada, se torna instrumento de libertação.”

Falar deixa de ser apenas expressão. Torna-se ruptura. Torna-se reconstrução. Torna-se identidade.

O projeto dá espaço para que histórias antes escondidas se transformem em caminhos de cura não apenas para quem



fala, mas para quem escuta.

Por trás dessa missão está também uma base inegociável: a fé.

Não como discurso, mas como sustentação.

“Não pare diante da grandeza do mar. Deus já te deu o poder para abrir o caminho.”

A mensagem não é simbólica. É prática. É direção.



forma idealizada. Pelo contrário. O seu posicionamento é simples, mas firme:

“Nunca quis ser fênix ou águia... apenas CEO da vida presenteada por Deus.”

Não há busca por rótulos. Há decisão. Há consciência. Há responsabilidade sobre a própria história.

Hoje, a sua voz não fala apenas por si. Ecoa por muitos.

E o Vozes Livres deixa claro que não se trata apenas de um projeto social. Trata-se de um movimento. De um chamado. De uma resposta necessária a uma realidade que ainda precisa ser enfrentada com mais profundidade e coragem.

Zilvone Vital não conta apenas uma história de superação.

Ela constrói um caminho de transformação.

E, ao fazê-lo, abre espaço para que outras vozes também deixem de se calar.

Zilvone não se apresenta

como alguém que venceu a dor de



ANA POLTERA:

“Somos chamadas para gerar vida em abundância”

Num tempo em que o relógio biológico é frequentemente tratado como limite, Ana Poltera surge com uma abordagem que rompe narrativas e reposiciona a maternidade como um processo mais profundo do que o físico. A sua visão não nega a biologia amplia-a. Para ela, gerar vida começa muito antes do corpo. Começa na alma.

A especialista tem vindo a destacar-se por conduzir mulheres a um reencontro interno, sobretudo aquelas que chegam à maturidade carregando histórias de dor, desgaste emocional e desconexão consigo mesmas. E é exactamente nesse ponto que

a sua mensagem ganha força.

“A gravidez na maturidade não é apenas biológica ela é um reencontro.”

Ana descreve esse momento como uma travessia. Não de fragilidade, mas de reconstrução. Mulheres que viveram intensamente, que enfrentaram desafios, que deram mais de si do que receberam e que, em algum momento, se perderam no processo.

“Muitas mulheres chegam até aqui cansadas, inseguras ou emocionalmente feridas. E, no meio disso, esquecem-se de quem são.”

Para ela, a fertilidade não pode ser analisada apenas do ponto de vista clínico. Existe uma dimensão emocional e espiritual que, quando ignorada, cria bloqueios silenciosos, mas determinantes.

“Gerar começa dentro. O corpo apenas manifesta.”

Essa afirmação redefine o centro da discussão. Ao invés

de focar apenas no “quando”, Ana convida as mulheres a olharem para o “como” como se sentem, no que acreditam, como se relacionam consigo mesmas.

Crenças como “é tarde demais” ou “já não sou capaz” surgem, segundo ela, como um dos maiores entraves invisíveis.

“O maior bloqueio muitas vezes não está no corpo, mas naquilo que a mulher passou a acreditar sobre si mesma.”

A proposta não é ignorar a dor, mas atravessá-la com consciência. Ana defende que a transformação começa quando a mulher decide parar de fugir e encarar a própria história.



“A gravidez na maturidade não é apenas biológica ela é um reencontro.”



“O corpo responde ao que a mente acredita e ao que o coração sustenta.”

“A dor precisa ser acolhida. Quando isso acontece, ela deixa de ser prisão e torna-se força.”

Essa mudança de perspectiva tem impacto directo no corpo. Emoções como medo, ansiedade e culpa criam um ambiente interno desfavorável, enquanto estados de confiança e segurança favorecem o processo de gerar.

“O corpo responde ao que a mente acredita e ao que o coração sustenta.”

É nesse contexto que surge o seu movimento “Chamadas para Gerar”, uma iniciativa que tem despertado mulheres a reconectarem-se com a

própria essência. Mais do que maternidade, o movimento fala de expansão.

“Não é apenas sobre gerar filhos. É sobre gerar uma nova vida.”

Ana reforça que o processo exige mudanças práticas não apenas físicas, mas emocionais. Reduzir o stress, trabalhar traumas, rever crenças e criar equilíbrio interno tornam-se passos essenciais.

“Gerar não acontece na tensão acontece no alinhamento.”

Ao abordar o equilíbrio entre carreira, propósito e maternidade, a sua visão é clara: o problema não está no tempo, mas na comparação.

CONEXÃO GLOBAL
ONDE HISTÓRIAS GANHAM VOZ

PORTUGAL

ANA POLTERA

MENTORA EM FERTILIDADE & IDENTIDADE FEMININA

GARANTA SUA VAGA!
INFORMAÇÕES: +55 83 99674-1880
INSTAGRAM: @CONEXAOGLOBAL_OFICIAL

CARCAVELOS, CASCAIS
PORTUGAL



“Não existe atraso quando existe

propósito.”

A sua mensagem final é directa, firme e profundamente restauradora:

“Nunca é tarde para gerar o que

Deus plantou dentro de você.”

Num cenário onde muitas mulheres vivem pressionadas por padrões e prazos, Ana Poltera apresenta uma nova narrativa uma que devolve à mulher o protagonismo sobre o seu próprio tempo, corpo e história.

E talvez seja essa a sua maior contribuição: lembrar que gerar vai muito além da maternidade.

É um acto de reconexão.

De cura.

E de vida em abundância.





ARILDO LIMA MELO:

O arquitecto da própria vida

Há quem construa carreiras. E há quem, em determinado momento, perceba que construiu tudo... menos a própria vida. A história de Arildo Lima Melo começa exatamente nesse ponto de rutura silenciosa aquele em que o sucesso deixa de ser suficiente.

Engenheiro de formação, com uma trajetória sólida de mais de 15 anos na área da tecnologia entre Portugal e Bélgica, Arildo parecia cumprir, com precisão, o guião esperado: estabilidade financeira, carreira consolidada, reconhecimento externo. Mas por dentro, algo não encaixava.

“A minha vida, vista de fora, era exatamente o que se supõe que

deve ser... mas havia uma sensação que não conseguia calar: ‘este não sou eu na minha essência.’”

Foi esse desconforto muitas vezes ignorado por tantos que se tornou o ponto de viragem.

Em 2018, Arildo tomou uma das decisões mais difíceis da sua vida: parar. Parar para questionar, para rever, para descon-

truir. E, sobretudo, para assumir algo que poucos têm coragem de admitir que estava a viver uma vida que não tinha sido verdadeiramente escolhida por si.

“Percebi que estava a construir a vida de outra pessoa. E que, se não fizesse nada, continuaria a fazê-lo.”

Essa consciência não trouxe respostas imediatas. Trouxe, sim, responsabilidade. A responsabilidade de reescrever a própria história.

Ao mergulhar no desenvolvimento humano, Arildo encontrou algo que mudaria completamente a sua visão: os padrões inconscientes que moldam decisões, comportamentos e resultados.

Hoje, com mais de 7 anos dedicados a ajudar pessoas, ele é direto ao ponto:

“A maioria das pessoas não falha por falta de capacidade. Falha porque está presa a lealdades invisíveis principalmente ao sistema familiar.”

Segundo Arildo, muitas pessoas vivem ciclos repetitivos nas finanças, nos relacionamentos, na carreira sem perceber que estão a tentar ser leais a histórias que não começaram nelas.

“Somos mais leais do que livres. E enquanto isso não for visto, a pessoa continua a sabotar aquilo que mais quer.”

Num mundo obcecado por resultados, produtividade e performance, Arildo aponta um erro comum e perigoso:

“O maior erro é olhar para fora antes de olhar para dentro.”

Durante anos, ele próprio correu atrás de conquistas externas. E conseguiu. Mas a sensação de vazio persistia.

“Chega um ponto em que mais resultados não resolvem o que está desalinhado internamente.”

É por isso que o seu trabalho não começa com estratégias começa com consciência.

ALTA PERFORMANCE OU FUGA DISFARÇADA?

Num tempo em que o esforço extremo é glorificado, Arildo traz uma visão que confronta:

“Se a tua alta performance está a custar a tua paz, então não é performance é compensação.”





Para ele, resultados sustentáveis nascem de um lugar de alinhamento não de pressão constante.

“Disciplina sem clareza torna-se um peso. Quando sabes quem és e o que queres, a ação deixa de ser forçada e passa a ser natural.”

A metodologia que utiliza combina ferramentas como Constelação Familiar, Coaching, Programação Neurolinguística e Perfil Comportamental. Mas, mais do que técnicas, o foco está na raiz.

“Quando um problema se repete, não é coincidência. É um padrão. E padrão resolve-se na origem não na superfície.”

E é exatamente nesse ponto que acontecem as mudanças reais.

Entre as muitas histórias que acompanhou, uma em especial resume o impacto do seu trabalho: uma mulher bem-sucedida financeiramente, mas emocionalmente desconectada da própria vida.

“Ela tinha tudo menos tempo para viver. Não conseguia dizer não, vivia em função do trabalho e carregava uma culpa constante.”

Ao trabalhar a raiz emocional a necessidade de validação algo mudou.

“Ela não perdeu resultados. Ganhou vida.”

Voltou a ler, a cuidar de si, a estar presente com a filha. E, pela primeira vez, encontrou equilíbrio sem abrir mão da prosperidade.

Mais do que resul-



tados individuais, Arildo fala de impacto geracional.

“Quando uma pessoa encontra o seu lugar, não muda só a sua vida. Muda a forma como educa os filhos, como se relaciona, como constrói o futuro.”

“Quero formar o máximo de arquitetos da própria vida possível.”

Porque, no final, não se trata apenas de sucesso.

Trata-se de pertencimento. De identidade. De liberdade.

E, acima de tudo, da coragem de viver uma vida que, finalmente, faz sentido.



DA PRISÃO À LIBERDADE:

A jornada de Mônica Kaus

Há trajetórias que não se explicam apenas por títulos ou funções. São percursos marcados por rupturas internas, por perguntas profundas e por um processo contínuo de reconstrução do ser. É nesse território íntimo que se inscreve a jornada de Mônica Kaus, conselheira psicossocial, escritora e mulher em constante transformação.

Entre a escuta do outro e o mergulho em si mesma, Mônica construiu uma narrativa que ultrapassa o campo profissional e se torna, sobretudo, uma experiência humana de consciência, libertação e reconexão.

Quando questionada sobre quem é além dos títulos, Mônica não se define por cargos, mas por estados de presença.

Ela se descreve como uma “buscadora da verdade” e uma mulher que valoriza o equilíbrio entre mente e coração. Na sua rotina, encontra expressão na dança especialmente no samba, no canto, no teatro e no contacto com a natureza.

O mar, o sol e os momentos de silêncio surgem como espaços de reencontro consigo mesma. Mas é na relação com a sua filha, Emanuela Ramos Santarém, que ela reconhece a sua maior fonte de sentido:

“Ela é minha inspiração diária, minha força e um dos maiores motivos da minha evolução como ser humano.”

A obra “Da Prisão à Liberdade” não surge como um exercício teórico, mas como um reflexo directo da própria vivência da autora.

Mônica revela que, durante muito tempo, viveu em conformidade com expectativas externas, enquanto internamente enfrentava um vazio silencioso. O ponto de viragem aconteceu quando iniciou um processo de escuta interna e investigação emocional e mental.





mais a importância da educação emocional desde a infância.

Para quem deseja iniciar um processo de transformação, Mônica destaca passos fundamentais: o silêncio interior, a escuta de si, a desconexão consciente do excesso digital e a aceitação das próprias emoções sem julgamento.

Ela também enfatiza a importância do apoio psicológico e da coragem de questionar crenças profundamente enraizadas.

A liberdade, afirma, começa nas pequenas escolhas diárias.

Entre os equívocos mais comuns, Mônica destaca dois principais: a ideia de que as pessoas não podem mudar e a crença de que cuidar da saúde mental é sinal de fraqueza.

Para ela, o processo de transformação exige precisamente o oposto: coragem, responsabilidade e abertura para o novo.

Ao lidar com processos emocionais de outras pessoas, Mônica reforça a importância do autocuidado e da auto-responsabilidade.

O seu compromisso com o próprio bem-estar é contínuo e inclui momentos de silêncio, natureza e dança práticas que a reconectam consigo mesma.

Ao mesmo tempo, reconhece que cada indivíduo é responsável pelo seu próprio processo de transformação.

O maior legado que Mônica Kaus deseja deixar não está em títulos ou conquistas externas, mas na consciência despertada nas pessoas.

“Quero que as pesso-



o conceito de prisão interna não como um espaço físico, mas como um estado psicológico e emocional.

Segundo Mônica, essa prisão manifesta-se através de crenças limitantes, medo de rejeição, necessidade de aprovação e desconexão da própria essência.

É um fenômeno silencioso, muitas vezes normalizado socialmente, que leva o indivíduo a adaptar-se excessivamente aos outros e a afastar-se de si mesmo.

A viragem mais profunda da sua jornada aconteceu quando reconheceu que estava, de facto, presa a padrões internos.

Esse percurso pessoal foi aprofundado com estudos sobre a mente e as emoções humanas, criando uma ponte entre experiência e conhecimento.

“Esse livro é o meu processo transformado em palavras. É a minha história, mas também pode ser a história de milhões de pessoas.”

No centro da sua reflexão está

Esse momento exigiu responsabilidade pessoal, coragem e confronto com a própria dor. Não foi um processo leve, mas foi decisivo.

“Foi ali que eu comecei, de verdade, a me libertar.”

O impacto do autoconhecimento, segundo Mônica, não foi apenas uma mudança pon-

tual, mas uma reconfiguração completa da forma de viver.

Hoje, ela afirma viver com mais presença, autenticidade e respeito por si mesma. Essa transformação reflecte-se também nos seus relacionamentos, agora mais conscientes e verdadeiros.

No seu trabalho como conselheira psicossocial, Mônica observa uma realidade recorrente: a dor silenciosa.

São pessoas que, apesar de funcionarem socialmente, vivem internamente desconectadas de si mesmas, marcadas por ansiedade, vazio e medo constante de não corresponder.

Essa observação não é distante é também um espelho da sua própria experiência passada.

Actualmente, além do trabalho na área psicossocial, Mônica também actua como gerente de restaurante e trabalha numa cantina escolar em Zurique, onde convive diariamente com crianças entre 5 e 12 anos. Essa vivência, segundo ela, reforça ainda

as se lembrem de quem são.”

Para ela, ninguém está verdadeiramente preso apenas desconectado de si.

E a libertação, mais do que um conceito, é uma decisão.

Uma decisão que exige compromisso, verdade e a coragem de começar.





ENTRE FÉ, LUXO E PROPÓSITO:

A trajetória de Gerson Alves de Oliveira no universo global do Fashion Business

Num cenário onde a moda transcende o vestuário e passa a ser linguagem, posicionamento e influência, destaca-se a trajetória de Gerson Alves de Oliveira profissional que construiu o seu percurso entre a fé, o marketing estratégico e o universo do luxo, consolidando-se como uma das vozes emergentes no fashion business internacional.

Formado em Marketing pela UniFil, em Londrina, Gerson complementa a sua formação acadêmica com estudos bíblicos, uma dimensão que, segundo ele, sustenta a sua visão de vida e de carreira. Mais do que um profissional do setor, define-se como um homem de princípios, pai dedicado e defensor da integridade como base de qualquer construção humana e profissional.

“O verdadeiro propósito está em viver com princípios, impactar vidas de forma positiva e construir relações com significado.”

A sua trajetória não se limita ao campo técnico ou corporativo. Gerson encontra na fé um eixo estruturante da sua identidade, traduzindo essa base em disciplina, ética e coerência nas suas relações profissionais. Para ele,



o trabalho não é apenas uma função, mas uma extensão de valores.

O interesse pelo setor da moda e das relações públicas surgiu de forma orgânica, impulsionado por experiências internacionais em projetos humanitários e voluntários. O contacto com diferentes culturas abriu caminho para uma visão global e sensível do comportamento humano.

O ponto de viragem ocorreu quando conheceu um estilista italiano, ligado à criação de peças usadas por celebridades internacionais. Esse contacto direto com o processo criativo despertou-lhe uma nova percepção do setor.

Posteriormente, a sua trajetória foi aprofundada através da parceria com Sabrina Zanini atriz, jornalista, produtora de eventos de moda de luxo e apresentadora do programa Moda. Com, transmitido em mais de 190 países. Atualmente sua sócia, Sabrina desempenhou um papel

determinante na sua integração no universo do fashion business.

“Considero-me, acima de tudo, um eterno aprendiz.”

Os primeiros passos de Gerson não representam um ponto isolado de início, mas sim um processo contínuo de aprendizagem e evolução.

Atualmente, integra a sociedade do Mirror Fashion Day, um evento de moda de luxo que se consolidou no calendário fashion do Rio de Janeiro, no Brasil. O projeto inclui ainda o Mirror Award, que reconhece os principais nomes do setor.

O evento já realizou edições em espaços icônicos como o Copacabana Palace Hotel, Fasano Hotel e a Casa Julieta de Serpa, reforçando a sua projeção no segmento de luxo.

A trajetória não foi isenta de desafios. Entre os principais obstáculos, Gerson destaca a construção de credibilidade, o posicionamento no mercado e a afirmação num setor altamente competitivo.

Essas dificuldades, no entanto, tornaram-se catalisadoras de crescimento, permitindo o desenvolvimento de competências como resiliência, inteligência emocional e disciplina estratégica.

Um dos marcos mais significativos da sua trajetória é a expansão internacional do projeto. Pela primeira vez, o Mirror Fashion Day atravessa fronteiras e chega à Europa, com uma edição prevista para Menton, na Riviera Francesa, durante o período do Festival de Cannes.

Este movimento representa não apenas crescimento geográfico, mas a consolidação de um



posicionamento global do projeto, elevando-o a novos patamares de visibilidade e influência.

A evolução profissional de Gerson está diretamente ligada à construção de redes de contacto, parcerias estratégicas e consistência na entrega de valor.

Hoje, marcas, designers, celebridades e empresários demonstram interesse em integrar o Mirror Group Empire através do Mirror Fashion Day, reforçando a relevância crescente da iniciativa no cenário internacional.

Entre as principais influências do seu percurso, destaca-se novamente Sabrina Zanini, cuja visão criativa e exigência profissional contribuíram para elevar o nível do projeto.

No entanto, Gerson defende uma visão coletiva do sucesso:

“Todos são protagonistas. Desde quem está no palco até quem está nos bastidores. O sucesso é sempre um trabalho coletivo.”

Mais do que um percurso profissional no universo da moda e do luxo, a trajetória de Gerson Alves de Oliveira é marcada por um princípio fundamental: a centralidade do propósito.

Para ele, o sucesso não se resume a reconhecimento ou retorno financeiro, mas à coerência entre valores, fé e ação.

“O maior sucesso que tenho é a minha fé. Quando isso está alinhado, tudo o resto torna-se consequência.”

Uma visão que redefine não apenas o conceito de carreira, mas também o significado de influência no mundo contemporâneo da moda global.



PM SERVICES

MAGAZINE

INSPIRAÇÃO ■ LIDERANÇA ■ IMPACTO

EDIÇÃO

103

ABRIL 2026

ANA POLTERA:

“Somos chamadas para gerar vida em abundância”

PÁGINAS

6 A 8